

PADRÕES LINGÜÍSTICOS E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Roberto Gomes Camacho*

CAMACHO, Roberto Gomes. Padrões lingüísticos e estratificação social. *Alfa*, São Paulo, 24:59-71, 1980.

RESUMO: Este trabalho investiga o desempenho lingüístico de dois grupos de adolescentes entre 10 e 18 anos, segundo grau de escolaridade e estrato sócio-econômico. Seu principal objetivo é verificar o grau de conformidade alcançado por ambos à norma adulta de prestígio, considerando-se unicamente variantes fonológicas e avaliar, além disso, o papel da escola no ensino de habilidades consideradas necessárias à aquisição de um conjunto consistente de variantes sócio-culturais.

UNITERMOS: Variação sócio-cultural; Norma de Prestígio; Norma pedagógica; Língua-padrão; Estigmatização; Socialização; Estratificação social.

1. *Introdução*

Uma das mais recentes preocupações da Lingüística é reverter o conhecimento teórico, amplo e fecundo, sobre o funcionamento dos mecanismos das línguas naturais, em direção de aplicações práticas, como um corolário da posição que ocupa entre as ciências do homem.

Conseqüência dessa preocupação, a "lingüística aplicada" ocupa-se fundamentalmente do ensino de línguas estrangeiras, relegando a

plano secundário a instrução da língua materna.

Ainda que nesse campo tudo esteja por fazer, uma área das ciências lingüísticas, já muito cultivada pela investigação contemporânea, poderia fornecer ao lado da teoria da linguagem, conhecimentos fundamentais ao ensino da língua vernácula: trata-se da Sociolingüística, que se ocupa da relação entre fatores sócio-culturais e a variação lingüística (3, p. 63-4).

A investigação sociolingüística tem demonstrado que a língua re-

* Professor Assistente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, UNESP.

flete, de modo irrefutável, uma refinada estratificação social na alternância de suas formas de uso. É justamente a existência de sub-normas sócio-culturais um dos entraves para um ensino eficiente da língua materna, uma vez que nem sempre o sistema de valores promovido pela escola se identifica com aquele compartilhado pelos membros do setor social de que se origina o educando.

Em face desse problema, chama a atenção um trabalho secundário, nem por isso menos importante, dentre as contribuições de Labov para a investigação sociolingüística: o artigo "Stages in the Acquisition of Standard English" (4). Apresentando o esboço de um modelo de aquisição pelo adolescente dos padrões lingüísticos de prestígio da norma adulta, seu autor assinala as dificuldades enfrentadas pela escola pública em proporcionar às crianças de baixo nível sócio-econômico a mesma amplitude de variação sócio-estilística aberta às crianças de classe favorecida.

Foi o modelo sugerido por Labov que inspirou um estudo anterior cujo objetivo principal foi a investigação de duas fases na aquisição de padrões lingüísticos de prestígio por adolescentes entre 10 e 18 anos, de duas escolas da área metropolitana de São Paulo, como subsídio para uma dissertação de mestrado (2). O presente trabalho é resultado de tal investigação.

A faixa etária pesquisada enquadra-se nos estágios três e quatro, em que são desenvolvidas, como

seu autor permite entrever, a capacidade de perceber a diferença entre duas variantes, como por exemplo, a relação entre uma vibrante alveolar e a alternante retroflexa, e a capacidade de reconhecer o valor social de prestígio de uma em detrimento da outra. Isso permitiria ao adolescente a habilidade de selecionar dentre as duas, optando pela mais adequada a uma situação verbal específica.

Para testar a aquisição dessas habilidades, foram aplicados dois questionários: um de percepção da diferença e outro de avaliação social. Como, todavia, tais habilidades não são sistematicamente desenvolvidas pela escola, que se preocupa exclusivamente com o ensino de uma gramática do tipo normativo, incluiu-se um terceiro teste para avaliar a capacidade de se distinguir a variante correta de acordo com tal norma pedagógica.

Os dados foram abordados sob as seguintes perspectivas de análise: relação entre o resultado nos testes e grau de escolaridade (5a e 8a séries), idade e sexo, além de estrato sócio-econômico. Sempre que possível, combinaram-se dois ou mais fatores.

A discussão que se propõe aqui está circunscrita à análise dos resultados nos testes relacionados a dois fatores: *classe sócio-econômica* e *grau de escolaridade*.

Os efeitos da estratificação social sobre o desempenho lingüístico dos informantes foram obtidos através da comparação entre dois níveis sócio-economicamente opostos, os dois extremos numa escala. Para

tanto, selecionaram-se duas escolas para representá-los: uma, particular, no Morumbi, bairro do mais alto padrão residencial; outra, da rede estadual de ensino, no Conjunto Habitacional Mal. Mascarenhas de Moraes, em Sapopemba, bairro carente, de população operária.

2. *Relação entre resultados nos testes e grau de escolaridade.*

Os resultados indicam uma correlação estável entre grau de escolaridade e competência nas três habilidades testadas: os índices de erros tendem a diminuir, à medida que aumenta o grau de educação formal dos alunos e, pode-se acrescentar, independentemente de nível sócio-econômico. Há, contudo, uma diferença de grau.

Com efeito, os informantes socialmente privilegiados não demonstram, pelo seu desempenho, haver grande desnível entre as séries; excetua-se do padrão mencionado a 8.a, que apresenta índices

de erros superiores aos da 5.a série nos testes de correção e avaliação social (v. figura 1).

Os resultados dos informantes sócio-economicamente desfavorecidos, por outro lado, levam à observação de diferenças nítidas entre as séries, essencialmente entre a 5.a e as demais. A menor diferença é de 11% (teste de avaliação social), enquanto que a maior diferença entre os grupos de classe alta não ultrapassa 9% (entre 7.a e 8.a séries, no teste de avaliação social). A figura 2 exibe o desempenho dos informantes de classe baixa.

A respeito do desempenho desproporcional dos informantes da 5.a série, podem-se levantar algumas hipóteses. A mais plausível é a de que demonstram um aproveitamento escolar deficiente, com possíveis reprovações nas séries anteriores, em face da constatação de que estão em idade avançada para a série inicial do ciclo, prevista idealisticamente para os 11 anos: 22 alunos com 13 anos e 11 na faixa

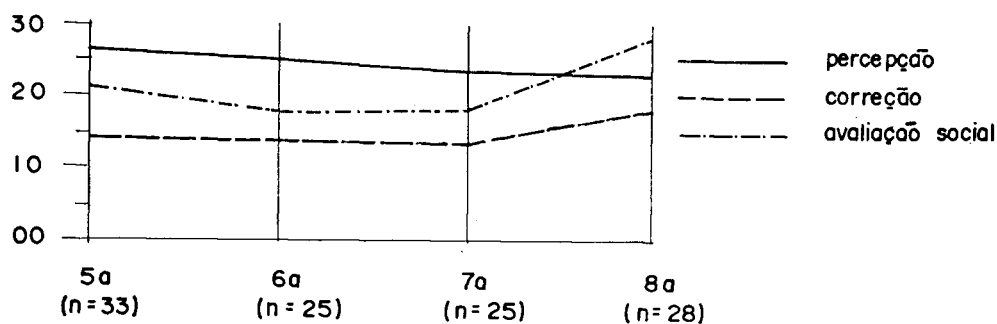


Figura 1: Porcentagem de erros dos informantes de classe alta, agrupados por série, mas três habilidades testadas

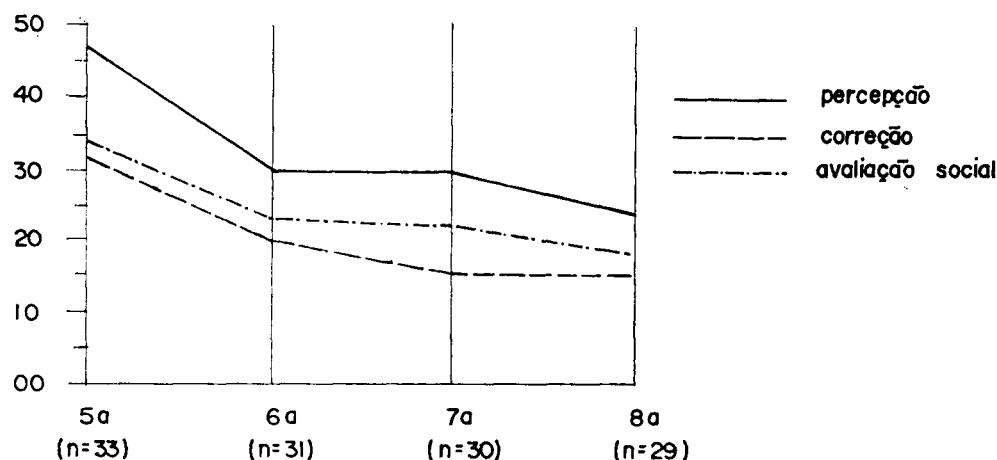


Figura 2: Porcentagem de erros dos informantes de classe baixa, agrupados por série, nas três habilidades testadas

entre 14 e 15. Poder-se-ia objetar com o argumento de entrada tardia na escola. Essa posição não se sustenta, pela própria improbabilidade de coincidir que, numa mesma série, 33 alunos tenham-se candidato tardiamente. Além disso, é obrigatória a inscrição de crianças com sete anos completos na 1.a série do 1.o grau.

Dessa primeira hipótese, tomada como a mais provável para a explicação do caráter específico do desempenho do grupo em questão, decorrem algumas implicações. Os alunos das séries mais avançadas, que apresentam decréscimo regular no número de erros e a um nível bem abaixo dos índices dos informantes da 5.a série, acham-se em situação semelhante no tocante à distribuição etária, se guardarmos as devidas proporções: há uma concentração irregular dos 11 aos 16 anos na 6.a série; dos 12 aos 18 na

7.a e dos 14 aos 18 na 8.a. Isso parece indicar que o contato com o padrão culto dos professores é relevante para que o grupo sócio-economicamente desfavorecido adquira formas lingüísticas de prestígio. Isso se conclui pelo fato de que é a partir da 6.a série que o desempenho do grupo em questão melhora de forma desproporcional, se comparamos os resultados da 5.a série ao das demais. Aquele subgrupo é o mais imaturo e o que menos contato manteve com um padrão de prestígio, no âmbito da faixa etária investigada, em que se fixa gradualmente a conscientização dos valores sociais.

Os informantes de estrato social privilegiado apresentam-se numa distribuição mais uniforme, com nítida relação de compatibilidade entre idade e série. Considerando os subagrupamentos majoritários, a 5.a série concentra informantes

com 11 e 12 anos; a 6.a, informantes com 12 e 13 anos; a 7.a, com 13 e 14; e, finalmente, a 8.a, informantes com 14 e 15 anos. Nem por isso, todavia, o efeito do ensino tende a ser maior sobre os alunos de classe alta. Sobrepõe-se o fato de que a análise dos resultados segundo os fatores *série* e *idade* combinados demonstra que os informantes de idade mais elevada raramente obtiveram grau de competência superior aos de idade mais baixa.

O último fato acima mencionado leva a duas conclusões. Uma de importância primordial para a discussão que se vem desenvolvendo: se, no âmbito do grupo favorecido, os informantes em idade compatível com o grau de escolaridade são os que mantêm o melhor desempenho, o efeito do contato do ensino sobre o grupo oposto, cuja adequação idade-série é inexistente, se torna claro e evidente; a outra conclusão é de importância secundária, mas cabe assinalar aqui: para os alunos investigados, os atuais agrupamentos por série são prejudiciais a um bom aproveitamento escolar.

A primeira conclusão acima formulada permite generalizar, a despeito do âmbito limitado desta investigação, que os informantes de estrato sócio-econômico desfavorecido, deficientes no que concerne ao domínio de padrões lingüísticos de prestígio pelas próprias restrições de seu contexto sócio-cultural, necessitam, por isso mesmo, fundamentalmente do sistema escolar para adquiri-los, a fim de obterem um nível superior na escala de mobilidade social.

Se, pelo contrário, pouca influência exerce sobre o grupo sócio-economicamente oposto, no sentido da eliminação gradual de variantes estigmatizadas, é porque a aquisição dos valores lingüísticos de prestígio não depende do sistema escolar, em consequência de estar esse grupo em permanente contato com a norma culta de seu meio e de possuir experiências mais ricas e relacionamento mais estreito com os instrumentos culturais que o contexto social lhes proporciona.

3. *O caráter heterogêneo dos resultados*

Não é possível conceber que o sistema escolar possa exercer influência realmente efetiva, mesmo sobre o grupo sócio-economicamente desfavorecido, no sentido da eliminação gradativa de variantes culturalmente estigmatizadas, tal como parecem indicar os resultados analisados acima, de vez que não se dedica ao ensino das habilidades investigadas. Ainda que deixem de entrever a correlação entre classe sócio-econômica e grau de escolaridade, os índices discutidos na seção anterior, que se referem ao número total de erros por teste, mascaram, de certa forma, a verdadeira face dos resultados.

É necessário esclarecer que esta investigação não contou com um bloco homogêneo de variantes, mas heterogêneo, com diferentes graus de estigmatização. Tendo isso em conta, uma importante premissa de análise é a possibilidade de os resultados variarem na medida em que se considere a natureza dos

desvios em si. Com efeito, o modo mais ingênuo de encará-los distingue, ainda assim, um r-retroflexo em vez de semivogal posterior de ausência de vibrante alveolar em infinitivos*, para citar um exemplo de dois graus extremos de estigmatização social dentre os casos considerados. Ademais, há variação de ocorrência segundo o ambiente fonológico — diante de vogal, consoante e pausa — e segundo o ambiente gramatical — em substantivos e verbos.

Por paradoxal que possa parecer, os índices de erros por variante permitem reuni-las em grupos que, se por um lado, salientam ainda mais a influência do contato do ensino sobre o grupo desfavorecido, em oposição ao favorecido, por outro, mostram a própria deficiência da instrução escolar na eliminação de certos desvios julgados proscritos pela norma pedagógica que cultiva. É o que se passa a demonstrar.

Considerando, então, os índices de erros em cada uma das variantes, em seus ambientes fonológicos e gramatical, é possível agrupá-las, segundo três padrões distintos de competência, só parcialmente correspondentes ao geral exposto na seção anterior, tendo em conta, inicialmente, o desempenho do gru-

po de baixo estrato sócio-econômico (v. figura 3):

- os resultados melhoram pouco com o acréscimo gradual de nível de escolaridade e todas as séries possuem índices de erros acima da média em cada habilidade testada: padrão A;
- os resultados melhoram pouco com o acréscimo gradual de nível de escolaridade e todas as séries possuem índices de erros abaixo da média em cada habilidade testada: padrão B;
- os resultados melhoram sensivelmente com o acréscimo gradual de nível de escolaridade; a 5.a série possui índices de erros acima da média e as demais séries, abaixo da média, com diferença marcante entre os dois níveis extremos: padrão C.

É preciso acrescentar que como se toma grau de escolaridade por referência, utilizam-se, a título de exemplo, os dados do questionário II, cuja habilidade exigida é o conhecimento do conceito de correção segundo a norma pedagógica. O propósito é levar ao extremo as hipóteses e conclusões obtidas; não significa, portanto, serem exclusivas desse teste as observações for-

* Além dos casos citados, foram considerados os seguintes: r-retroflexo em vez de qualquer outra realização de vibrante; semivogal anterior em vez de lateral palatal em posição intervocálica; vibrante alveolar em vez de lateral alveolar, como segundo componente de um grupo consonantal; ausência de fricativa surda ou sonora em final de palavra; vogal alta anterior em vez do ditongo /eyN/ em final de palavra; vogal alta posterior em vez do ditongo /awN/ em final de palavra; inserção de semivogal anterior antes de fricativa surda ou sonora em final de palavra; oclusiva alveolar nasal em vez de sua homorgânica oral precedida de nasalização em gerúndios.

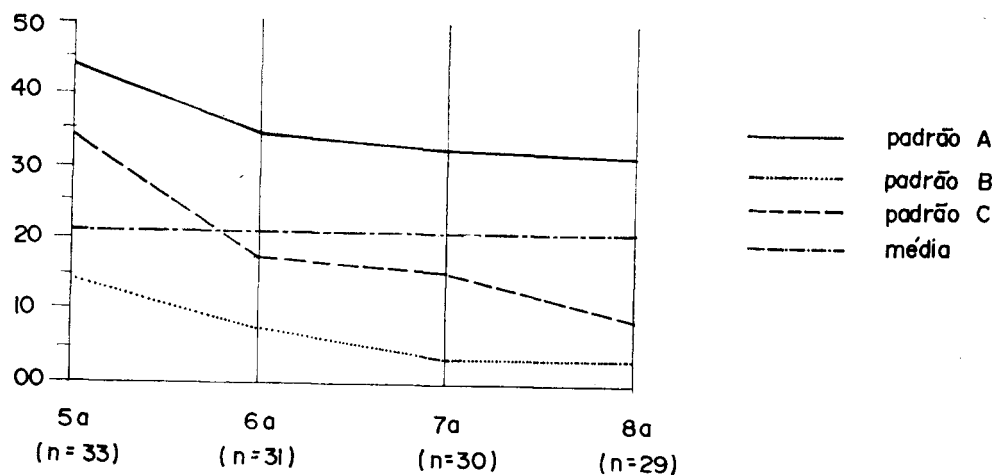


Figura 3: Porcentagem de erros dos informantes de classe baixa, agrupados por série, conforme os três padrões de desempenho, no questionário II

muladas, mas extensivas aos demais, com alguma variação quanto à posição da variante na hierarquia de erros.

Somente as variantes incluídas no padrão C correspondem ao padrão geral anteriormente discutido (v. figura 1). É esse fato que demonstra a ineficiência do ensino na eliminação de variantes consideradas incorretas pela própria norma pedagógica. As variantes incluídas no padrão B, altamente estigmatizadas no meio urbano, são, por isso mesmo, rejeitadas pela própria norma comunitária, isto é, pelo

contexto social de origem do informante, o que dispensa a influência mais tardia do ambiente escolar. Entretanto, as incluídas no padrão A permanecem cristalizadas, sem passar pelo processo de eliminação gradativo, ainda que seu uso não seja aceito pelo sistema pedagógico de correção.*

O desempenho desse grupo decorre do ensino de uma gramática não só normativa, mas sobretudo elitista e, por isso mesmo, nem de perto voltada ao oferecimento das habilidades indispensáveis à aquisição de padrões de prestígio; em

* Para que se tenha uma idéia dos agrupamentos que nos permitiram postular os três padrões de desempenho, relacionamos abaixo as variantes em seus respectivos padrões, ainda assim, independentes de detalhes sobre ambientes fonológicos e gramaticais:

padrão A: [awN ~ u], [Nd ~ n]

padrão B: [w ~ r], [S ~ φ], [R ~ r]

padrão C: [λ ~ γ], [R ~ φ], [eγN ~ i], [l ~ r], [S ~ γS]

conseqüência, é inofensiva aos mais altos anseios de ascensão social que, de direito possui. É por isso que não se pode creditar a tal ensino a eliminação de alguns desvios estigmatizados, mas ao simples contato diário com o padrão culto dos professores, no qual parecem basear-se esses alunos para reduzir as deficiências lingüísticas herdadas do contexto sócio-cultural.

Também se mencionou na seção anterior que o amadurecimento etário-educacional não é tão relevante para a conscientização do valor social dos desvios investigados relativamente ao desempenho dos informantes de estrato privilegiados. Embora os índices de erros tendam ao decréscimo progressivo com o aumento de grau de escolaridade, em cada habilidade testada, à exceção da 8.a série, a diferença entre uma e outra é reduzida, quase insignificante. Ocorre, entretanto, não ser o único padrão de desempenho também desse grupo, considerando os índices em cada um dos desvios. Podem-se, portanto, reuni-los em dois blocos, consonantes com os já descritos do grupo oposto e convencionados padrão A e padrão B: respectivamente, variantes com índices de erros acima da média em todas as séries e variantes com índices de erros abaixo da média em todas as séries, conforme demonstra a figura 4.*

Confirma-se a importância da correlação entre grau de escolari-

dade e estrato sócio-econômico. A influência do contato com o padrão culto exercido pela escola varia consideravelmente de nulo para os informantes sócio-economicamente privilegiados a essencial para os informantes de estrato oposto. Para que fique bem evidente a diferença de ordem sócio-econômica indicada nos resultados, observe-se que o padrão B do grupo em pauta engloba os padrões B e C do grupo de estrato inferior.

Não se descarta uma possibilidade de choque entre o sistema de normas pedagógicas imposto pela escola e o sistema de normas lingüísticas adquirido no próprio contexto sócio-cultural, de vez que certas variantes não eliminadas durante o processo de aprendizagem são sistematicamente rejeitadas pelo conjunto de regras que veicula. Isso talvez justifique o desempenho dos alunos da 8.a série que, em dois testes — correção e avaliação social — apresentam índices de erros não só superiores aos de seus colegas da 5.a série, mas também aos alunos de 7.a e 8.a do grupo oposto. A 8.a série representa o grupo mais amadurecido e, portanto, o que maior grau de conformidade com o padrão adulto de seu meio sócio-cultural deveria apresentar. Não seria estranhável um comportamento rebelde por oposição ao padrão lingüístico dos professores, em cujo estilo pode reconhecer variantes estigmatiza-

* Abaixo, relacionamos as variantes incluídas num e noutro padrão:
padrão A: [e_γN ~ i], [awN ~ u], [Nd ~ n]
padrão B: [λ ~ γ], [w^h ~ r], [S ~ φ], [R ~ φ],
[l ~ r], [R ~ r], [S ~ γS]

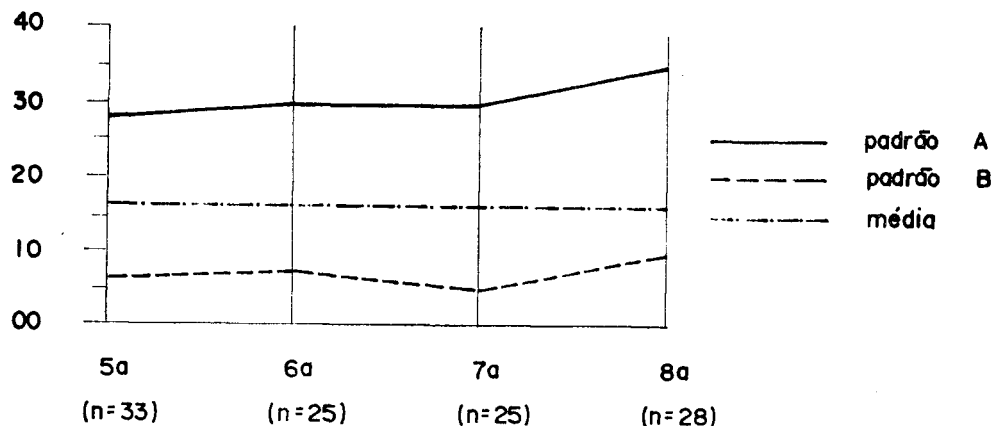


Figura 4: Porcentagem de erros dos informantes de classe alta, agrupados por série, conforme os dois padrões de desempenho, no questionário II

das por seu próprio grupo social. Esse desempenho, aparentemente anômalo, é significativo como indicador da consciência de classe dos informantes da 8.a série.

A diferença marcante entre os dois grupos sócio-econômicos investigados, que os resultados refletem de forma evidente, está correlacionada com uma diferença num aspecto mais específico dentro da estratificação social. Trata-se do processo de socialização em que a aquisição da competência linguística é apenas um dos aspectos particulares, mas o de maior relevo para as considerações seguintes.

A esse propósito, Bernstein (1, p. 174) chama socialização o processo pelo qual "... a child acquires a specific cultural identity... the process whereby the biological is transformed into a specific cultural

being." e acrescenta "... socialization sensitizes the child to the various orderings of society as these are made substantive in the various roles he is expected to play." Em seguida, indica as instituições sociais que exercem ação na efetivação do processo "... the basic agencies of socialization in contemporary societies are the family, the peer group, school and work."

Por outro lado, Labov chama a atenção para o aspecto cronológico desse processo a que prefere chamar aculturação, como o desenvolvimento gradual das normas adultas. Na faixa etária entre 8 e 11 anos as crianças apresentam, segundo pesquisa sua, um índice de 52% de conformidade com as normas adultas de prestígio. Essa porcentagem aumenta progressivamente, de acordo com o acréscimo etário, a ponto de os indivíduos

entre 20 e 39 anos apresentarem um índice de 84%.*

Feita essa constatação, postula a série de seis estágios para a aquisição

do inglês falado, tal como mencionado na introdução. O quadro abaixo confronta as fases do modelo sugerido por Labov com o conjunto das agências de socialização

Labov: Estágios para aquisição de um idioma padrão.	Bernstein: agências de socialização
<ol style="list-style-type: none"> 1. domínio do léxico e das regras fundamentais da gramática para que a criança comunique suas necessidades básicas 2. aquisição de um dialeto local condizente ao do grupo de amigos mais imediatos. 	<p>família</p> <p>e</p> <p>grupo de indivíduo e seus pares (peer group)</p>
<ol style="list-style-type: none"> 3. aquisição da percepção social no início da adolescência, quando a criança inicia contatos mais estreitos com o mundo adulto. A significação social das características dialetais de seu grupo de amigos torna-se evidente para ela; 4. desenvolvimento da habilidade de modificar seu estilo em direção de um padrão de prestígio em situações formais e, em menor grau, em situações coloquiais; 5. habilidade em manter estilos-padrão e mudar adequadamente de um para outro conforme varia a situação; 6. desenvolvimento de uma amplitude de estilos, cada qual coerente em si, adequados a toda e qualquer situação. 	<p>escola</p> <p>e</p> <p>trabalho</p>

* Labov (4, p. 89) demonstra que o processo não leva em conta apenas a idade, mas também a classe sócio-econômica do indivíduo: "the linguistic indicators give us a precise measure of the extent to which the young person has grasped the norms of behavior which govern the adult community. It can be seen that some families begin this process relatively high in the continuum: middle class families are to be found near the top of the diagram, together with a few working class families. Some working class families and all of the lower class families are to be seen operating at a much lower level of conformity to adult norms".

de Bernstein, reestruturando estas a partir daquelas, isto é numa ordem cronológica, conforme cada estágio em que cada agência exerce influência sobre o indivíduo, influência essa evidentemente preponderante e não exclusiva.

Como a investigação que deu origem ao presente trabalho se restringiu ao desempenho dos informantes no terceiro e quarto estágios do modelo introduzido por Labov, nada se pode afirmar, senão inferir, a respeito das duas fases anteriores — aquisição da gramática básica e de um dialeto local. Segue-se, então, que os resultados discutidos indicam que as agências de socialização menos abrangentes (família e grupo de pares) exercem influência reduzida no desenvolvimento de padrões lingüísticos de prestígio para os informantes situados no setor mais baixo da escala sócio-econômica. É em consequência disso que o sistema escolar assume importante papel no desempenho desse grupo, com a eliminação de uma série de variantes socialmente estigmatizadas.

Se, para os informantes investigados, de classe sócio-econômica favorecida, a influência da escola é quase nula, é porque não se faz necessária, de vez que as agências de socialização menos abrangentes — família e grupo de pares — exercem ação efetiva nos estágios básicos de aquisição, consolidando numa fase anterior à investigada a conscientização dos valores de prestígio.

4. Conclusão

Os dados discutidos não constituem amostra estatística de uma situação global, mas permitem formular algumas hipóteses e conclusões provisórias que uma investigação mais abrangente poderá confirmar ou modificar.

Fica evidente, mesmo assim, a importância do papel do ensino, principalmente o de 1.º grau, que se aplica aos anos nevrálgicos de formação e fixação de padrões lingüísticos no processo de socialização, essenciais para que, parafraseando Bernstein, o biológico se transforme num ser cultural específico.

A ascensão social das classes desfavorecidas depende, quase exclusivamente, da habilidade do falante em dominar a amplitude estilística, limitada às camadas superiores. Para isso, a escola deve voltar-se ao ensino e ao treinamento de habilidades tais como a percepção da diferença entre duas variantes e o reconhecimento de que a escolha de uma e não de outra implica no exercício consciente de um padrão verbal culto, coletivamente aceito.

Numa sociedade complexa, sócio-econômica e culturalmente estratificada, é comum a imposição da norma lingüística do grupo dominante, dos setores mais privilegiados da sociedade, como a culta ou de prestígio. Em decorrência dessa concepção elitista de língua, difunde-se a crença de que a linguagem não-padrão dos grupos desfavorecidos é ilógica, além de incor-

reta. Muitos instrutores da língua materna dão apoio a tal concepção, acreditando que o cultivo de formas-padrão consiste simultaneamente numa forma lógica de pensar. Por conseguinte, um dos papéis da escola é re-ensinar as crianças de baixo estrato sócio-econômico a falar, antes que aprendam a escrever (v. 5).

Para que se efetive sua ação junto aos alunos da faixa sócio-culturalmente desfavorecida, para os quais é imprescindível, é vital que o sistema escolar evite incorrer nesse erro pré-concebido de que há uma relação de implicação entre capacidade verbal e classe sócio-econômica e assuma uma po-

sição de tolerância e respeito ao padrão que o aluno traz de seu próprio meio para a sala de aula. Em adição, proporcionar ao adolescente o número maior possível de alternativas linguísticas, ao nível fonológico, gramatical e semântico, que lhe permita a capacidade de selecionar e optar por uma de acordo unicamente com o grau de formalidade da situação extraverbal. Isso porque a simples eliminação, através de um padrão normativo de correção, de variantes estigmatizadas, que identificam o indivíduo com os demais membros do setor sócio-cultural de que ele é parte, conduz a um inevitável conflito e conseqüente bloqueio no seu intercâmbio social.

CAMACHO, Roberto Gomes. Linguistic standards and social stratification. *Alfa*, São Paulo, 24:59-71, 1980.

ABSTRACT: This work analyses the linguistic performance of two adolescent groups between ten and eighteen years of age according to education and socio-economic level. The main purpose is to verify the level of conformity reached by both groups with the adult prestige norms considering only phonological variables and, in addition, to evaluate the role school plays in teaching the necessary abilities to achieve complete consistency in sociolinguistic variation.

UNITERMS: Sociocultural variation; Prestige norm; Standard language; Stigmatization; Socialization; Social stratification.

CAMACHO, R. G. Padrões lingüísticos e estratificação social. *Alfa*, São Paulo, 24:59-71, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNSTEIN, Basil. *Class, codes and control. Theoretical studies towards a sociology of language*. London, Routledge & Kegan Paul, 1971, v. 1.
2. CAMACHO, Roberto Gomes. *Dois fases na aquisição de padrões lingüísticos por adolescentes*. Campinas, UNICAMP, 1978. (Tese — mestrado).
3. HEAD, Brian F. A teoria da linguagem e o ensino do vernáculo. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 5: 63-72, 1973.
4. LABOV, William. Stages in the acquisition of standard English. In: *Social dialects and language learning*. R. Shuy, Champaign, National Council of Teachers of English, 1965, p. 77-103.
5. ————. The logic of non-standard English. *Language and Linguistics, George-town Monograph*, 22: 1-44, s/d.